



Notas introdutórias para uma teoria metapsicopolítica da hospitalidade

Fernanda Magallanes

Trad. Cian Barbosa

Com este texto me uno, desde a periferia da minha prática clínica psicanalítica e minha postura teórica metapsicológica, ao manifesto da FEPAL denunciando a violência que os sistemas estruturais, simbólicos, estatais e para-estatais exercem sobre os corpos. Estes sistemas impedem uma vida vivível e em democracia, ferem e marginalizam grandes setores da população e distribuem a vida e a morte das pessoas.

Em toda América Latina estamos dominados por tecnologias de exploração e destruição que se expressam em massacres, feminicídio, tortura, escravidão, tráfico de mulheres e crianças, tráfico de pessoas e desaparecimentos forçados. As modalidades de instrumentalização do poder e suas formas de institucionalização enxertam tecnologias que obrigam grande parte das nossas populações à morte, a uma dor psíquica insuportável, à migração forçada ou a se inscrever em algum modo criminoso [*delincuencia*] como caminho de vida. A delinquência não implica em uma simples patologia (como algumas posturas psi propuseram), senão a subjetivação de um mal estar latinoamericano que torna abjetos os corpos que não lhe servem economicamente. Antes de patologia, a delinquência é uma forma na qual o delinquente se subjetiva por um problema do aparato estatal e assim põe o caminho de vida possível daquele que foi abjeto.

Isto é, a violência exercida por um sujeito não é somente de caráter patológico, instintivo, nem tão pouco individual. Pelo contrário, o sujeito em sua dor singular porta um plural que é político e que é cultural. Condições políticas e culturais são transmitidas por sensações. Pegadas do mundo vão continuamente se inscrevendo e traduzindo pelos caminhos que toma de início a energia somática, pela via do autoerotismo. Logo, mediante a pulsão (*trieb*), os caminhos para um contínuo processo de corporificação [*corporeización*] libidinal dão forma ao eu corpo. O eu-corpo (FREUD, 1923), em sua



projeção, é o mundo. Assim, a imagem do mundo é projeção do corpo, mas isso se e somente se o corpo for a intervir no sensório-político. Minha relação com o mundo então não é a de um indivíduo com um inconsciente frente ao mundo, mas sujeito e mundo são formações produzidas no - e somente no - campo político e cultural, e o inconsciente é sem um fora e sem um dentro.

Podemos ler em Freud (1895) que os processo de simbolização são produto da entrada e ausência de um estímulo sensorial que o seio fornece. O *infans* alucina a coisa (*Das ding*) do objeto perdido e assim obtém satisfação, já sem o objeto (*Gegenstand*) presente. Este representar (*imaging*) define as *representações* enquanto se conectam à sensação e ao afeto, e é o processo pelo qual a criança representa gradualmente a mãe ausente enquanto um objeto total. Assim, se há um objeto total, se representa não só ao modo do *imaging* senão através de uma reinscrição da imagem do seio ausente e uma substituição deste por outra coisa que torna-se [*deviene*] total. A atividade alucinatoria inclui afetos e ideias que reinscrevem e proto-escrevem as experiências somáticas prévias em um aparato cultural. Assim, todo o caminho da representação é uma experiência sensório-política. Não se trata para mim do vínculo da criança com um peito ou com uma mãe, senão do vínculo apaixonado com um *set* de relações culturais e políticas que a criança traduz através da mãe, do pai, do tio *queer* ou da tia *drag*.

Assim resumo brevemente como em *Psychoanalysis, the Body and the Oedipal Plot* (2019) concluí que o ato da soma de colocar-se a andar como corpo pulsional (*Al. Trieb*) e deixar o instintivo (*Al. Instinkt*) é então uma experiência somato-política. O corpo, retomando Preciado (2012), é um arquivo somato-político que contém práticas culturais e políticas. Aquilo a que Dolto (1984) chamou de caminho da representação da imagem inconsciente do corpo e sua imagem dinâmica é, para mim, uma possibilidade em traço contínuo e em diálogo com a vida política, uma vez que dominada pela mesma. Na reiteração da repetição do que o aparato político inflige, quem sabe um deslocamento, uma diferença, certa agência política.



A coisa se torna mais complexa pensando a metapsicologia articulada à necropolítica, porque somos produtos de um dispositivo legal-administrativo que ordena e sistematiza os efeitos ou as causas das políticas da vida e morte dos corpos. O desejo não flutua livre desse dispositivo que incide e forma o corpo libidinal. Mesmo sendo uma produção singular, o desejo nunca é individual. O sujeito não flutua livre, mas está sujeito aos caminhos que representa desta vida política e cultural. Vivemos *malestares* culturais dos quais nossas vidas dependem, entrelaçados políticos que tecem os ideais, metas e caminhos que tomam as pulsões, e caminhos dos quais as pulsões se desviam pelo deserto da pulsão de morte.

O conjunto de relações com que convivemos não se atribuem unicamente ao complexo familiar da mãe e do pai, da escola e dos amigos, mas também das instituições, a vida pública, aquele enigmático que se move na vida política e atua sobre as redes de pessoas e comunidades com as quais crescemos. Então, sob as condições políticas da América Latina, sob um sistema que administra a vida e a morte das pessoas, sob isso que disse Butler, que o capitalismo leva em seu centro a pulsão de morte: eu poderia dizer que o trabalho do psicanalista nada tem a ver com o político? Um sonoro não!

Penso que os conceitos fundacionais da psicanálise são móveis e que Freud utilizou conceitos que o ajudaram em sua escuta, para o processo de cura e para a compreensão de fenômenos sociais como a guerra e suas incidências traumáticas no aparato psíquico. Não vejo porquê não haveríamos de utilizá-los para abrir campo para uma teoria metapsicopolítica. Cito Freud concordando sobre repensar a pulsão:

“O progresso do conhecimento não tolera rigidez alguma, menos ainda nas definições. Como ensina o exemplo da física, os conceitos básicos fixados em definições também experimentam uma mudança constante de conteúdo. Um conceito básico, convencional e obscuro, mas do qual a psicologia não pode prescindir, é a pulsão.” (Freud, 1915, p.113)

Enquanto psicanalista então estudo a pulsão e os alcances metapsicopolíticos que ela traz. Concordo com Butler (2020) e com Rosaura Martínez (2020) que a psicanálise tem importantes fronteiras políticas. Penso que pode resultar em soluções importantes sair de uma noção individualista do sujeito singular para pensar em um sujeito singular que



não é sem os outros e que depende inteiramente de aparatos políticos. Como tal, penso que é importante repensarmos o campo na vida política e nossa responsabilidade na mesma.

Se a imagem do mundo, como disse Freud, é uma extensão do eu-corpo, Butler (2020) mencionou recentemente que no mundo capitalista há, em seu centro, uma pulsão de morte. Que o sistema econômico comeu o mundo e tomou a forma de uma *self figurating image*. Como pensar na repetição, na iteração do mortífero deste aparato que distribui a vida e as pessoas por fins econômicos, nas saídas possíveis de dentro das instituições e de dentro dos aparatos de instrumentalização do poder? Por agora, anoto uma expressão de Freud que talvez possa abrir caminho para novas diferenças no aparato mortífero: “caminhos da pulsão de morte.”

Referências

Butler, J. (2020) COVID-19, the politics of non-violence, necropolitics, and social inequality. Lecture for the 50th Anniversary of Verso Books at the White chapel Gallery.

Martínez, R. (2020). Lo psicopolítico: Una crítica desde la filosofía. Ciudad de México: Monosílabo (Texto ainda não publicado)

Dolto, F. (1984). L' image inconsciente du corps. Paris: Éditions Seuil.

Freud, S. (1895). Proyecto de una psicología para neurólogos. Obras completas de Freud tomo I. Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1915). *Pulsiones y destinos de pulsión*. Obras completas de Freud tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1923). El yo y el ello. Obras completas de Freud tomo XIX. Buenos Aires: Amorrortu.

Magallanes, F. (2019). Psychoanalysis, the Body and the Oedipal Plot: A Critical Re-imagining of the Body in Psychoanalysis. UK: Routledge.

Preciado, P. (2012). Somatheque: Producción biopolítica, feminismos, prácticas queer y trans. Conferencias almacenadas en Museo Reina Sofía.

Resumo



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Com este texto me uno, desde a periferia da minha prática clínica psicanalítica e minha postura teórica metapsicológica, ao manifesto da FEPAL denunciando a violência que os sistemas estruturais, simbólicos, estatais e para-estatais exercem sobre os corpos. Trabalharei a ideia de *caminho* como rotas das pulsões e o *deserto* como a pulsão de morte. Explorarei a ideia de Freud dos caminhos em circuito da pulsão de morte como uma possibilidade do novo no aparato social. Serão notas preliminares para uma teoria metapsicopolítica da hospitalidade ao abjeto, ao marginalizado e ao imigrante forçado que talvez possam abrir espaço não só para fazer nosso descontente manifesto, senão para pensar em estratégias propriamente psicanalíticas de ação no campo social.

Palavras-chave

Hospitalidade, metapsicopolítica, América Latina, psicanálise, campo social, migração forçada.